

DISPOSITIVOS CÊNICOS DE SUBVERSÃO NA PALHAÇARIA FEMINISTA

Fernanda Pimenta¹, Universidade de Brasília

RESUMO

O presente texto é fruto de uma pesquisa que investiga os meios dramaturgicos com os quais as mulheres palhaças questionam inequidades de gênero. Pretende-se, nesta escrita, apontar possíveis dispositivos cênicos que subvertem tais inequidades. A principal hipótese é que algumas palhaçarias exercidas por mulheres sejam instrumento de subversão, porque elas auxiliariam na quebra de expectativas e padrões de comportamentos pré-estabelecidos e esperados pela sociedade por parte das mulheres. Como a palhaçaria exercida por mulheres poderia se configurar num dispositivo de subversão? Como a condição e realidade das mulheres influenciam e incentivam a criação de palhaçarias com teor feminista? Quais os artifícios dramaturgicos, estéticos e poéticos que as palhaças feministas usam? As principais referências do texto são a psicóloga e pesquisadora de gênero Valeska Zanello, e algumas palhaças brasileiras, sejam em suas reflexões ou em suas criações.

PALAVRAS CHAVE

Dispositivos cênicos, Subversão, Inequidades de Gênero, Palhaçaria feminista.

ABSTRACT

This text is the result of research that investigates the dramaturgical means with which female clowns question gender inequalities. It is intended, in this writing, to point out possible scenic devices that subvert such inequalities. The main hypothesis is that some clowning performed by women is an instrument of subversion, because they would help to break expectations and patterns of behavior pre-established and expected by society on the part of women. How could clowning performed by women be configured as a device of subversion? How does the condition and reality of women influence and encourage the creation of clown shops with a feminist content? What dramaturgical, aesthetic and poetic devices of feminist clowns use? The main references in the text are the psychologist and gender researcher Valeska Zanello, and some brazilian clown women, either in their reflections or in their creations.

KEY WORDS

Scenic Devices, Subversion, Gender Inequalities, Feminist Clowning.

¹ Fernanda Pimenta desenvolve a Tese de Doutorado provisoriamente intitulada Subversivas: Dramaturgias Feministas na Palhaçaria de Mulheres, desenvolvida desde setembro de 2020 na Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Nitza Tenenblat. Pimenta é multi-artista da cena: é atriz de teatro e cinema, dá vida à palhaça Malagueta, é bonequeira, diretora teatral e circense, produtora cultural, diretora de arte e pesquisadora.

“Então, de que nos serve o humor?
No caso do humor subversivo, pode
funcionar como válvula de escape
a esta fúria contida contra a civilização.
O escárnio e a ironia seriam a
grande revanche contra toda a castração
imposta pelo viver em sociedade.
Vivenciar ou não o sério seria a escolha de quem
quer ir contra a ordem ou submeter-se a ela.”

Minéia Gomes Oliveira

Uma hipótese de minha pesquisa² é que a palhaçaria feminista tece dispositivos cênicos de subversão de inequidade de gênero. Se os feminismos são subversivos, questionam uma ordem pré-existente, seria possível entender que a palhaçaria de cunho feminista também teria o caráter de subverter. Seria a palhaçaria de mulheres capaz de subverter pensamentos, costumes, hábitos, leis e práticas tão arraigadas em nossa sociedade, a ponto de, mesmo de forma mínima, desfazer (ou ao menos atenuar) os efeitos do patriarcado? Analisemos como a palhaçaria de mulheres atua como uma tecnologia de subversão de gênero.

A origem da palavra subversão vem do latim *subversio*, que segundo o Dicionário Etimológico³, significa o “ato de destruir ou derrubar alguma coisa”. Quando pesquisamos o significado do substantivo feminino subversão, encontramos várias definições, geralmente parecidas. Para o dicionário Michaelis subversão é “ato ou efeito de subverter (se). Ato ou efeito de derrubar ou destruir; destruição, queda. Perversão moral”⁴. Já o verbo subverter seria, dentre suas definições, “realizar transformações radicais ou destruir algo já estabelecido; alvoroçar, revolucionar.”⁵

Como sinônimos de subversão, os mais frequentes são perversão, perturbação, insubordinação e destruição⁶. Para Francisco Proença Garcia (2006), tendo em vista que a maioria das definições de subversão apontam para uma alteração da ordem e do poder vigentes, este a define como “uma técnica de assalto ou de corrosão dos poderes formais, para cercear a capacidade de reação, diminuir e/ou desgastar e pôr em causa o poder em exercício, mas nem sempre visando a tomada do mesmo”⁷ (p. 171).

Os significados atribuídos à subversão nos apontam aspectos que podem ser considerados negativos, como oposição, insubordinação, revolta, destruição e perturbação. Há este embate porque há algo a ser quebrado, deposto, refeito. Há uma ordem a ser

² A pesquisa já recebeu apoio da Capes, de abril de 2021 a abril de 2022. Atualmente tem o financiamento da FAP-DF desde setembro de 2022.

³ Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/busca/?q=subvers%C3%A3o> Acesso em 07/02/2023.

⁴ Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/subvers%C3%A3o/> Acesso em 30/12/2022.

⁵ Disponível em [https://michaelis.uol.com.br/busca?id=MdaRM#:~:text=1%20Revolver\(%2Dse\)%20de,subverteu%2Dse%20com%20o%20temporal.&text=2%20Cobrir%20algo%20de%20terra,deslizamento%20subverteu%20v%C3%A1rias%20resid%C3%A1ncias%20luxuosas](https://michaelis.uol.com.br/busca?id=MdaRM#:~:text=1%20Revolver(%2Dse)%20de,subverteu%2Dse%20com%20o%20temporal.&text=2%20Cobrir%20algo%20de%20terra,deslizamento%20subverteu%20v%C3%A1rias%20resid%C3%A1ncias%20luxuosas). Acesso em 27/01/2023.

⁶ Disponível em <https://www.sinonimos.com.br/subversao/> Acesso em 30/12/2022.

⁷ Texto “O Fenômeno Subversivo na Atualidade. Contributos para o seu Estudo.” Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/62685511.pdf> Acesso em 30/12/2022.

rachada, questionada.

No caso da palhaçaria feminista, o que precisa ser exposto e esmiuçado em suas dramaturgias, são questões sociais que envolvem relações de gênero e o combate ao patriarcado. Na esteira dos estudos de Zanello (2018), buscamos aqui identificar os dispositivos de gênero introduzidos dramaturgicamente nas cenas de palhaças feministas. Segundo Zanello (2018), os dispositivos de gênero que moldam desejos e comportamentos das mulheres são: o enlace amoroso e a maternidade.

Ao afunilar a análise das ferramentas utilizadas para encenar e gerar riso, identificamos dispositivos cênicos de subversão que auxiliam na busca de equanimidade entre gêneros. Tais dispositivos cênicos, que serão à frente apresentados, são inspirados na estruturação dos dispositivos de gênero indicados por Zanello (2018). Desta forma, indicaremos como identificamos alguns dispositivos cênicos utilizados em performances de palhaças que buscam diminuir as inequidades de gênero que incidem sobre nós.

Ao se utilizar de códigos sociais e comportamentais, muitas vezes representados por ações cotidianas e íntimas, as palhaças promovem identificação que desembocam em riso. Os risos acontecem, muitas vezes, por uma quebra de expectativa, ou pela inversão de uma lógica vigente. Em nossa sociedade espera-se a adoção de certos comportamentos, a depender do gênero. Os papéis de gênero (Butler, 2018) esperados e a cada um atribuídos, pressionam a definição compulsória dos gêneros.

Se for palhaça e o reconhecimento do gênero for visível, sobre ela recairá expectativas, por parte do público, que condizem com seu universo feminino e suas possibilidades enquanto mulher. O ser mulher é percebido antes mesmo de a reconhecerem como palhaça, ou pessoa brincante. Quando a palhaça esboça uma ação ou reação que não combina com o esperado deste ser mulher, o riso da plateia pode aparecer como um desentrelaçamento, ou como um vislumbre de uma realidade antes não vista, como uma liberação de mais mulheres a exercerem suas existências sem limites, imposições ou ações esperadas e até exigidas.

Ao evidenciar, reconhecer, apontar e nomear ações do patriarcado de forma divertida, como em cenas de palhaças, a expectativa pode identificar semelhanças com memórias próprias, contadas e empáticas. Muitas vezes, para que o público se interesse pela cena, é necessário uma identificação de características em comum entre este (o público) e a palhaça, muitas vezes mediada pela revelação de um estado, de um sentimento ou de uma característica que a humanize e provoque empatia na plateia. Em algumas de minhas experiências atuando como palhaça, já percebi reações distintas entre a plateia de mulheres e a de homens. Plateias formadas majoritariamente por mulheres, como em festivais de palhaçaria feminina, podem ser mais receptivas a temas do universo feminista.

As mulheres estão mais próximas dos temas trabalhados na palhaçaria feminina, por isso provoca-se uma identificação direta delas com as palhaças, por exemplo, quando abordam temáticas como maternidade, questões estéticas, amorosas, sexuais e de cuidados cotidianos. De forma indireta os homens também são provocados. Talvez o homem espectador da palhaçaria de mulheres pode se afetar mais com a quebra de expectativa e com a inversão de uma lógica que coloca a palhaça num papel de gênero diferente ao que a mulher na sociedade costuma ser colocada, do que com o reconhecimento de matérias sensíveis ao universo feminino. Tais fatores capazes de afetar a plateia, como a quebra de expectativa e a inversão de lógica, nós referenciamos como dispositivos cênicos de subversão de inequidade de gênero. A ideia de identificar dispositivos cênicos de subversão de inequidade de gênero na palhaçaria feminista nasce a partir dos estudos de

Zanello (2018) sobre os dispositivos de gênero.

Para muitos artistas a arte poderia ser entendida como uma ferramenta poética bastante utilizada na tentativa de quebrar estruturas, derrubar ideias e denunciar opressões. Eugenio Barba, Bertold Brecht, Augusto Boal, Bárbara Santos e Jorge Dubatti são exemplos de artistas, criadores e pensadores da cena que usam, em suas dramaturgias, artifícios que podem provocar uma tomada de consciência. E a partir da conscientização que suas obras provocam, as mesmas podem ser consideradas subversivas.

Como indicou Garcia (2006), nem sempre a subversão visa a tomada de poder, mas pressupõe uma estratégia de enfraquecimento. Daiani Brum, a palhaça Dre. Brum, por exemplo, traz, em suas criações, elementos dramáticos que despertam na plateia a quebra de expectativas e a inversão de uma lógica de gênero heteronormativa. Também pesquisadora, Brum (2018), que agora optou por se identificar como pessoa não binária, analisa sua atuação como palhaça e traz algumas de suas características, como por exemplo, sua intenção de criar confusão na identificação de seu gênero, quando coloca um figurino que insere esta dúvida no espectador, se é relativa ao universo feminino ou ao masculino.



Imagem 11: Print (meu) do vídeo da cena da palhaça Brum, Penso Logo Desisto, de 2021. Na imagem pode-se notar elementos de figurino que não remetem necessariamente a vestimentas femininas.

Brum justifica sua tentativa de confundir a identificação de gêneros justamente para evidenciar a violência sofrida por grupos que pertencem ao gênero não dominante, em referência à comunidade LGBTQIA+. Ele dialoga com as sugestões de Judith Butler, na qual esta sugere que, por meio do corpo, se revise atos que já estão consolidados, colocando a palhaçaria das mulheres, então, como ato subversivo:

Esta sugestão é aqui aproximada ao âmbito de atuação da mulher palhaça, uma vez que, através de processos simbióticos entre a arte e a vida, cada palhaça traça realidades que independem das designações ou dos estereótipos, mesmo que para isso tenha que se confrontar com eles, subvertendo-os, tornando-os um pertence seu que é posto em relação com os fatos e pessoas ao redor. De natureza dúbia e lógica própria, a mulher palhaça pode subverter estruturas fixas, burlar a concepção convencional dos fatos, criar vocábulos e conceber gestuais corpóreos. (p. 162)

A autora (2018) cita sua cena, em que aos poucos, remonta, com participação do público, algo que se assemelha a um casamento homo-afetivo. A cena de Brum apresenta a palhaça inicialmente numa entrada triunfal e depois jogando malabares com bolinhas. Em seguida, entra uma música romântica que sugere um clima de sedução, por meio da qual a palhaça puxa um homem da plateia, dança com ele e, ao recomençar a música, deixa este homem no espaço cênico e faz a mesma coisa com outro homem. Na terceira entrada da música romântica a palhaça puxa uma mulher, dança com ela sugere que os homens dançam entre si. Por fim, entra a marcha nupcial e Brum oferece um beijo à mulher e sugere que os homens também se beijem, proporcionando uma perspectiva homo-afetiva, quebrando expectativas de relações heterossexuais.

A palhaçaria de mulheres seria capaz de mostrar e explicitar ao espectador possibilidades de existência de pessoas que não detêm o poder. As dramaturgias feministas utilizadas pelas palhaças contemporâneas seriam capazes de se configurarem como táticas de empatia e vislumbres de novas existências a corpos dissidentes.

Subverter exigiria uma dose de desobediência ao que está posto. Na obra *Esperança Feminista* (2022), de Débora Diniz e Ivone Gebara, a autora enfatiza como é necessário desobedecer para tecer outras realidades. As autoras sugerem que “desobedecer é inventar a vida” (2022, p. 266). A desobediência existe para que o que está posto seja freado, repensado, recriado. Se às mulheres é imposta a obediência, desobedecer pode se configurar em ato subversivo, pois obstrui a ordem estabelecida. E no patriarcado, a imposição às mulheres é de obedecer. Se desobedecer é “infringir ordens dadas, costumes, tradições, leis que se pretendem reguladoras de comportamentos e guardiãs da convivência comum” (Diniz e Gebara, 2022, p. 268), então podemos entender que desobedecer é subverter.

Podemos afirmar que as palhaças existem porque foram desobedientes à regra velada de que mulher não podia ser cômica, não seria capaz de fazer rir. O movimento da palhaçaria feminista mundo afora contradiz o antigo ditame que proibia às mulheres estarem no picadeiro, no palco, ou onde quiserem existir. A desobediência, ou o dizer não, “não quero”, “não aceito”, é um primeiro passo rumo à subversão, pois se opõe à passividade. Ativamente, ao desobedecer, as mulheres se lançaram à vida social e à palhaçaria.

Assim como a desobediência pode ser um canal subversivo, ao promover a possibilidade de mulheres exercerem suas palhaçarias, listamos outros elementos que poderiam funcionar como dispositivos cênicos de subversão. A ironia, a quebra de expectativas e a inversão de papéis seriam usados nas dramaturgias de palhaças para provocar risos e reflexões. Estes, que chamamos aqui de dispositivos cênicos de subversão (pelo riso), muitas vezes se complementam, são concomitantes e interdependentes, em cenas de palhaças feministas. Assim, a ironia está presente na quebra de expectativas, enquanto esta acontece juntamente com a inversão de papéis, que por sua vez é repleta de ironia.

A ironia é um recurso comumente utilizado em dramaturgias de palhaças. Se coloca como pano de fundo em diversas abordagens de palhaçarias feministas. Segundo o dicionário Michaelis⁸, ironia seria:

Figura pela qual se faz uso de palavras que são o contrário do que realmente se quer dizer, geralmente para demonstrar humor, irritação ou aborrecimento; considerada uma das formas mais complexas de expressão literária, é tida não apenas como uma figura de linguagem ou de pensamento, mas um hábito mental que implica diversas nuances de significados simultâneos ou, ainda, múltiplos significados de uma afirmação ou de um comentário.

Se a ironia se traduz via humor e irritação ou aborrecimento, seria lógico concluir que a palhaçaria de mulheres carrega em si este elemento, pois o ponto de partida é uma insatisfação com a condição de não privilegiada, e desemboca numa criação cênica que se traduz em riso. Para se efetivar e ser entendida, o uso da ironia prescinde um conhecimento anterior.

A palhaça Fran⁹, vivenciada por Rafaela Azevedo (RJ), se utiliza bastante deste recurso. Sucesso nas redes sociais desde o ano de 2020, a artista apresenta um humor irônico ao colocar a mulher agindo sexualmente de forma semelhante aos homens, os objetificando e depreciando suas masculinidades. Rafaela denuncia opressões por meio da ironia, muitas vezes sendo levada a sério por alguns seguidores, que não compreendem sua brincadeira. Ao mesmo tempo em que é irônica, ela também inverte os papéis de gênero quando se coloca agindo como homem, consequentemente quebrando expectativas.

A quebra de expectativas é uma estratégia dramática de palhaças contemporâneas, e se materializa de diversas formas. Primeiramente, acontece quando é aguardado determinado tipo de comportamento por parte de uma pessoa, a depender de seu gênero, e esta, por meio de suas ações, não corresponde ao esperado. Os papéis de gênero (Butler, 2018) dão indícios de como se impõe a divisão entre os gêneros em nossa sociedade contemporânea, inclusive binarizando-os.

A quebra acontece quando um comportamento adotado destoava do esperado pelo gênero que lhe foi rotulado, causando estranhamento e, posteriormente, riso. Riso este que só é disparado, porque já houve empatia deste público com a imperfeição mostrada até então pela palhaça. A mesma palhaça Fran, de Rafaela Azevedo, que se utiliza da ironia, também costuma quebrar expectativas quando se comporta com atitudes consideradas do universo do homens. Quando se coloca como conquistadora, altamente disposta a sentir prazer e não se importar com os sentimentos alheios, a palhaça Fran se mostra de forma contrária ao que a sociedade espera de mulheres, que são reconhecidas, em geral, como pessoas a serem conquistadas, que têm seu prazer oprimido e que se doam para os cuidados do outro.

Outro exemplo de quebra de expectativas se dá no espetáculo A Visita de Chico, da palhaça Soldara, de Radarani Oliveira, de Goiás (2018), já mencionada aqui. O

⁸ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/ironia/> Acesso em 26/03/23.

⁹ O trabalho da artista pode ser conferido através do instagram: <https://www.instagram.com/fran.wt/>

espetáculo mostra a chegada em casa de uma artista de rua, depois do dia trabalhado. Entre os momentos de relaxamento, a palhaça brinca de seduzir casaco e chapéu que estão pendurados na arara, lembrando a imagem de um homem. A expectativa criada é de que ela consumirá o ato sexual com a figura, mas nesta hora a menstruação desce e tudo pára drasticamente. O clima sedutivo agora muda. O drama do período menstrual se instala. Resquícios de um inevitável universo de mulher. A construção de um ambiente sensual, criado até então, é quebrado, o que leva ao riso.

A divisão sexual do trabalho, fomentada pelo advento do capitalismo, destinou aos homens a vida produtiva, e às mulheres, a vida reprodutiva, o que inclui cuidados alimentares, higiênicos e educacionais (Zanello, 2018). O senso comum social entendeu que a elas caberia possibilitar aos homens a vida produtiva, do labor. Desta forma, foram se impondo os papéis de gênero (2018), que Butler nos apresenta como ações que são compulsoriamente destinadas a alguém, a depender de como a pessoa é binária e socialmente identificada.

A inversão dos papéis de gênero comumente provoca riso. É notório que quando homens se vestem de mulher, prática que acontece muito em períodos festivos, como no carnaval, a brincadeira se instala. Porém, observa-se que a mulher vestida de homem não seria tão engraçada, resquícios de uma legitimidade masculina ao provocar o riso. Inverter os papéis de gênero é um ato irônico e quebra expectativas de público, pois isso possibilita com que apareça o riso quando reconhecemos algum contraste com a própria realidade. Colocar a mulher num papel de dominadora, de segura/confiante ou violenta, são artifícios que podem gerar confusão no entendimento tácito dos papéis de gênero.

A palhaça Fran produz vários vídeos com conteúdos engraçados, polêmicos e de gênero, e os posta no Instagram. Ao tentar comprar homens, por exemplo, Fran os objetifica, menospreza sentimentos e não é cuidadosa, comportamentos que a afastam de uma performance feminina conhecida e esperada socialmente. Rafaela Azevedo (Fran), mencionada acima como uma palhaça que se utiliza da ironia e da quebra de expectativas em suas criações, também inverte os papéis de gênero (Butler, 2018).

A palhaçaria de mulheres poderia agir como um mecanismo capaz de transformar ideias, provocar fissuras no sistema vigente e impulsionar a compreensão do privilégio patriarcal cotidianamente vivenciado em nossa sociedade. Esta palhaçaria ainda conteria a desobediência, a ironia, a quebra de expectativas e a inversão de papéis, atuando como dispositivos cênicos de subversão de gênero, intermediados pelo riso.

Tais dispositivos cênicos subversivos, a desobediência, a ironia, a quebra de expectativas e a inversão de papéis, se materializam por meio de instrumentos dramáticos variados, infinitos e complexos. A paródia, a remontagem de cenas clássicas da palhaçaria tradicional e a referência à ancestralidade, são exemplos de estratégias de dramaturgias utilizadas por palhaças.

A palhaçaria feminista, portanto, poderia ser entendida como uma tecnologia de gênero, pois apresenta em seus dispositivos cênicos de subversão (desobediência, a ironia, a quebra de expectativas e a inversão de papéis), possibilidades de discutir gênero, ao trazer a mulher (e as demais pessoas não detentoras dos privilégios do patriarcado) para o protagonismo cênico.

BIBLIOGRAFIA CITADA

A VISITA DE CHICO. Direção: Izabela Nascente. Goiás: 2018. Espetáculo circense (40 min).

BORGES, Ana Cristina V. CORDEIRO, Karla A. **A Neutralização da mulher na dramaturgia da palhaçaria clássica no Brasil.** In: Palhaças na Universidade – Pesquisa sobre a Palhaçaria feita por mulheres e as práticas feministas nos âmbitos acadêmicos, artísticos e sociais. Org. Wuo, Ana. Brum, Daiani. Editora UFSM. Santa Maria, Rio Grande do Sul. 2021.

BRUM, Daiani. **A Atuação de Mulheres como Palhaças: resistência e subversão.** In: Revista Ártemis, vol. XXVI no 1; jul-dez, UDESC: 2018. pp. 157-174.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução: Renato Aguiar. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DINIZ, Débora e GEBARA, Ivone. **Esperança Feminista.** 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

GARCIA, Francisco Proença. **O Fenômeno Subversivo na Atualidade. Contributos para o seu Estudo.** Revista Nação e Defesa, 2006. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/62685511.pdf> Acesso em 30/12/2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Dispositivos e Gênero: Cultura e processos de subjetivação.** Curitiba: Appris, 2018.